

Três significados de 'significar': reflexões sobre o sentido na obra de Benveniste

Vicente de Souza Cardoso Júniorⁱ

RESUMO

Tendo em vista a diversidade de campos nos quais Émile Benveniste desenvolveu sua teoria da linguagem e considerando que o alcance dessa teoria vai muito além de suas formulações sobre enunciação, este artigo assume como pressuposto a centralidade da noção de *sentido* na obra do linguista. Busca-se analisar como essa noção é mobilizada por Benveniste em diferentes abordagens, apresentando três reflexões acerca de usos do verbo *significar* (e de alguns de seus derivados) pelo linguista. Primeiro, acompanhando Barboza (2018), atenta-se à relevância do par *significar/designar* na obra benvenistiana. Em seguida, observa-se a importância do termo na distinção entre os modos semiótico e semântico da língua. Por fim, a reflexão volta-se à capacidade humana de produção simbólica, em que *significar* se aproxima dos sentidos de *simbolizar* e *semiotizar*.

Palavras-chave: Émile Benveniste; Sentido; Significação.

ABSTRACT

Considering the diversity of fields in which Émile Benveniste developed his theory of language and that the scope of this theory goes well beyond his formulations on enunciation, this text assumes the centrality of the notion of *meaning* in Benveniste's work. It seeks to analyse how this notion is used by the linguist in different approaches, presenting three reflections on the uses of the verb *signify* (and some of its derivatives) by Benveniste. Firstly, following Barboza's reflection (2018), attention is paid to the importance of the pair *signify/designate* in Benvenistian work. Then, the importance of the term in the distinction between semiotic and semantic modes of language is observed. Finally, the reflection turns to the human capacity of symbolic production, in which *signify* approaches the meanings of *symbolise* and *semiotise*.

Keywords: Émile Benveniste; Meaning; Signification.

ⁱ Mestrando em Estudos da Linguagem no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas. Bolsista da CAPES. Bacharel em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal de Minas Gerais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7264-169X> | vicentecardoso@gmail.com

INTRODUÇÃO

Apesar de Émile Benveniste ainda ser mais lembrado por seus textos que trazem a *enunciação* como tema, o *sentido* é uma noção muito mais constante em sua obra e muito mais orientadora de suas reflexões.¹ Uma apreciação de conjunto do primeiro volume² dos *Problemas de linguística geral (PLG)* nos dá a comprovação disso.

O texto mais antigo dentre os selecionados para a obra foi publicado originalmente em 1939. Trata-se do capítulo 4, *Natureza do signo linguístico*, no qual Benveniste revisa a tese saussuriana da arbitrariedade do signo. Sem a intenção de recuperar aqui as reflexões trazidas por Benveniste nesse texto, apenas destaco que tratar do *Curso de linguística geral*, ainda mais da noção de signo nessa obra, implica necessariamente tratar do sentido na linguagem: “o espírito só acolhe a forma sonora que serve de suporte a uma representação identificável para ele; se não, rejeita-a como desconhecida ou estranha” (BENVENISTE, 2005b, p. 56).

No capítulo 24, que é o que melhor representa nos *PLG I* a vertente comparatista de Benveniste, vemos a centralidade do tema já no título: *Problemas semânticos da reconstrução*. Sobre o princípio que o orientou nessa cuidadosa reunião de exemplos de reconstruções do indo-europeu, publicada originalmente em 1954, o linguista afirma:

O único princípio de que nos serviremos nas considerações que se seguem, tomando-o como admitido, é que o “sentido” de uma forma linguística se define pela totalidade dos seus empregos, pela sua distribuição e pelos tipos de ligações resultantes. Na presença de morfemas idênticos providos de sentidos diferentes, devemos perguntar-nos se existe um emprego no qual esses dois sentidos recobram a sua unidade. A resposta jamais se apresenta de antemão. (BENVENISTE, 2005e, p. 320).

Além de uma declaração de método, trata-se de um posicionamento em relação às correntes linguísticas fortemente orientadas pela forma, em detrimento do sentido. É uma atitude semelhante à encontrada no capítulo 10, *Os níveis da análise linguística*, originalmente publicado em 1964. O tema central desse texto é propor uma análise capaz de dar conta da natureza articulada da linguagem, que implica que as unidades linguísticas de um nível se integram em um nível superior a partir do critério semântico.

A *forma* de uma unidade linguística define-se como a sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior.

O *sentido* de uma unidade linguística define-se como a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior. (BENVENISTE, 2005d, p. 135-136, grifos do autor).

Apesar da seleção reduzida, creio que esses três textos, de épocas e temáticas diversas, já dão alguma validade à minha afirmação inicial, segundo a qual o *sentido* deve ser entendido como uma das principais noções orientadoras da obra benvenistiana – mais central e mais recorrente que o conceito de *enunciação*.

Com isso, posso me voltar ao título deste trabalho, à reflexão que proponho sobre três significados para o verbo *significar*. Como a obra de Benveniste é diversa, ramificada em uma linguística geral, uma linguística comparada, estudos sobre enunciação, entre outras abordagens, é natural que encontremos diferentes sentidos para os termos *significar* e *significação*. Além disso, Benveniste não é sempre afeito à sistematização dos conceitos que mobiliza em seus textos. Muitas vezes, é preciso parar a leitura para criar hipóteses sobre os termos empregados, traçar relações e oposições entre os diferentes empregos – de algum modo, tomamos emprestado o método benvenistiano para ler Benveniste.

Tendo isso em vista, este artigo tem como objetivo analisar alguns empregos do verbo *significar* (e de alguns de seus derivados) na obra de Benveniste, buscando desvelar algumas das camadas de sentido que ajudam a compor sua espessura semântica.

1. NO PAR *SIGNIFICAR-DESIGNAR*

O primeiro sentido do verbo *significar* que trago à reflexão se refere aos casos em que Benveniste o relaciona com *designar*. Trata-se de uma correlação interessante do ponto de vista morfológico, já que os dois verbos partem do radical *sign-*, o que aponta para o termo *signo*.

Como mostra Barboza (2018), o par *significar-designar* é mobilizado por Benveniste em diferentes contextos. A pesquisadora levantou as ocorrências na obra do linguista em que os termos com as raízes *signific-* e *design-* aparecem em correlação e, a partir desse mapeamento, propõe que se pense a presença desse par em três grandes contextos discursivos: nos estudos de vocabulário, de perspectiva comparatista; no conjunto de trabalhos sobre enunciação; e nos textos de visada semiológica.

Recupero um desses usos no primeiro grupo (estudos de vocabulário), em *Problemas semânticos da reconstrução*. Ao tratar do caso da família etimológica ligada ao conceito de “fidelidade”, em dado momento Benveniste afirma:

Aqui se colocam naturalmente os membros germânicos desse grupo, como o gót. *trauan*, *trausti*, etc., que dele derivam diretamente e fixaram em germânico a terminologia da “confiança”. Daí, é dessa significação comum que participa igualmente a designação da “árvore”. Ao inverso do raciocínio de Osthoff, consideramos que o **derwo-*, **drwo-*, **dreu-* no sentido de “árvore” é apenas um emprego particular do sentido geral de “firme, sólido”. Não é o nome “primitivo” do carvalho que criou a noção de solidez, foi ao contrário pela expressão da solidez que se designou a árvore em geral e o carvalho em particular: o gr. *drûs* (gal. *derwen*) significa literalmente “o sólido, o firme” (BENVENISTE, 2005e, p. 332, grifos do autor).

Temos aí a aproximação, de um lado, entre *designação* e *emprego particular* e, de outro, entre *significação* e *sentido geral*. Na conclusão desse texto, Benveniste retomará essas ideias afirmando que “as noções semânticas [...] chamam em primeiro lugar uma descrição dos empregos, únicos que permitem definir um sentido” (BENVENISTE, 2005e, p. 339). Lembro que o ponto de vista desse texto é o do linguista comparatista – que, segundo Benveniste, deve olhar para as designações (empregos particulares) buscando inferir daí as significações (sentidos gerais).

É interessante cotejar esse trecho com outro, extraído de *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, de 1968. Esse segundo texto integra o conjunto que Barboza (2018) descreve como de visada semiológica – o que é importante para considerarmos que, neste caso, a designação e a significação não são abordadas do ponto de vista do linguista que opera uma reconstrução, e sim do interior do próprio sistema da língua.

O estado da sociedade numa época dada não aparece sempre refletido nas designações de que ela faz uso, pois as designações podem muitas vezes subsistir quando os referentes, as realidades designadas já mudaram. Aí está um fato de experiência frequente e que se verifica constantemente, e os melhores exemplos são precisamente o termo “língua” e o termo “sociedade” que estamos utilizando agora a cada instante. A diversidade das referências que se pode dar a um e a outro destes dois termos é o testemunho e a condição do emprego que devemos fazer das formas. O que se chama de polissemia resulta desta capacidade que a língua possui de subsumir em um termo constante uma grande variedade de tipos e em seguida admitir a variação da referência na estabilidade da significação. (BENVENISTE, 2006b, p. 100).

Antes de comentar a passagem de modo geral, um detalhe importante: há nela dois sentidos para as palavras de raiz *design-*. Existe, de um lado, a *ação* de designar. É

nesse sentido que Benveniste afirma que “[...] as realidades designadas já mudaram”. Porém, *designação* pode referir-se também ao produto dessa ação, numa ideia equivalente à de *nome*: entendo que é nesse segundo sentido que Benveniste afirma que “as designações [os nomes] podem muitas vezes subsistir [...]”. Apesar dessa oscilação própria ao termo, permanece a relação de referência (ligar um nome a um objeto “do mundo”) como algo próprio da designação.

Na reflexão semiológica de *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, Benveniste trata de algo que define como “semantismo social”: a língua, por meio de seu vocabulário, se constitui como um sistema de designações da organização social. No trecho citado acima, o linguista fala da capacidade da língua de “subsumir em um termo constante uma grande variedade de tipos e em seguida admitir a variação da referência na estabilidade da significação” (BENVENISTE, 2006b, p. 100, grifos meus). Gostaria de comparar as ideias grifadas àquelas verificadas em *Problemas semânticos da reconstrução*.

Quadro 1 – Sentidos ligados a *significação* e *designação* em dois textos de Benveniste

	<i>Problemas semânticos da reconstrução</i>	<i>Estrutura da língua e estrutura da sociedade</i>	
Significação	Sentido geral	Termo constante	Estabilidade da significação
Designação	Emprego particular	Variedade de tipos	Variação da referência

Fonte: elaborado a partir de Benveniste (2005e, 2006b).

Mesmo provenientes de textos com finalidades e temáticas bem diferentes, esses trechos podem ser relacionados no que diz respeito ao par *significação-designação*: é justamente a relação entre um sentido geral e um termo constante que confere à significação sua estabilidade; já a designação, por consistir em empregos particulares, vai registrar uma variação de referentes designados pelo mesmo signo. Por exemplo, o termo “carro” é empregado para *designar* referentes que variam em tamanho, cor, modelo, marca, tipo de combustível, tecido dos bancos e toda uma infinidade de elementos. Há, entretanto, uma *significação*, um sentido geral que os une: a ideia comum de um veículo que anda sobre rodas, capaz de transportar um número pequeno de pessoas. A forma linguística “carro” permanece; o sentido geral “veículo sobre rodas

para poucas pessoas” permanece; os referentes designados mudam. A significação diz respeito à relação do sentido com a forma; a designação, do signo (forma e sentido) com o referente. Nesse par de termos, *significar* pode ser entendido como um processo interno ao signo, unidade do sistema da língua – por isso Benveniste fala em um sentido geral, estável. Já *designar* diz respeito à relação da língua com a realidade, a cada emprego particular de um signo.

Para encerrar esta primeira reflexão, apresento um segundo exemplo, buscando pensar a relação entre língua e realidade da perspectiva de cada um desses processos linguístico-discursivos. A partir de 2015, com a promulgação da Lei do Feminicídio,³ os falantes brasileiros ganharam rapidamente esse novo termo em sua língua, graças, especialmente, a um recorrente uso por movimentos feministas e em alguns setores da imprensa. Além da recente incorporação à língua, trata-se de um termo fortemente identificado com uma conquista social, que não se deu sem embates, o que deve ser levado em conta ao pensarmos a “estabilidade da significação” para esse signo. De um lado, há grupos de falantes que buscam consolidar essa nova relação entre forma e sentido na língua, segundo a qual “feminicídio” *significa* o assassinato de uma mulher *por causa da condição de ser mulher*. De outro, há aqueles que rejeitam esse sentido, contestando-o como supostamente desnecessário ou inadequado juridicamente, buscando invalidar essa relação de *significação*.⁴ Além disso, essa disputa discursiva também pode ser pensada do ponto de vista da *designação*, já que a emergência desse signo na língua cria aos falantes uma nova possibilidade: “feminicídio” pode *designar* um “mesmo” fato que, em outros contextos, seria/é designado como “crime passionai” ou, vergonhosamente, como ato de “legítima defesa da honra”.⁵

2. SER DISTINTIVO

Outro termo ao qual Benveniste opõe *significar* é o verbo *comunicar*. Ao contrário do par anterior, do qual se registra uma profusão de usos na obra do linguista, a oposição *significar/comunicar* é verificada em uma ocorrência particular, mas bastante relevante. Trata-se da distinção entre os modos semiótico e semântico da língua, que Benveniste (2006a) formula pela primeira vez em *A forma e o sentido na linguagem*, texto apresentado em congresso em 1966 e republicado no segundo volume

dos *PLG*: “não conseguimos encontrar termos melhores para definir as duas modalidades fundamentais da função linguística, aquela de *significar* para a semiótica, aquela de *comunicar* para a semântica” (p. 229, grifos meus).

Reúno, em primeiro lugar, algumas das explicações sobre o modo semiótico que envolvem termos ligados a *significar*:

Para que um signo exista, é suficiente e necessário que ele seja aceito e que se relacione de uma maneira ou de outra com os demais signos. A entidade considerada *significa*? A resposta é sim, ou não. Se é sim, tudo está dito e registre-se; se é não, rejeitemo-la e tudo está dito também. “Chapéu” existe? Sim. “Chaméu” existe? Não.

[...] No plano do significado, o critério é: isto *significa* ou não? *Significar* é ter um sentido, nada mais. E este sim ou não só pode ser pronunciado por aqueles que manuseiam a língua, aqueles para os quais esta língua é a língua e nada mais.

[...]

Cada signo tem de próprio o que o distingue dos outros signos. *Ser distintivo* e *ser significativo* é a mesma coisa. (BENVENISTE, 2006a, p. 227-228, grifos meus).

Notamos aí um princípio comum ao significado anterior de *significar*, entendido aqui também como um processo próprio à língua-sistema. Mas, aqui, é justamente o caráter sistêmico que ganha relevo, a partir da ideia de que um signo *significa* pelo critério da distintividade, por sua diferença em relação aos demais signos: “Ser distintivo e ser significativo é a mesma coisa” (BENVENISTE, 2006a, p. 228).

Passemos agora a um trecho sobre o domínio do semântico e seus sentidos em torno da noção de *comunicar*:

A noção de semântica nos introduz no domínio da língua em emprego e em ação; vemos desta vez na língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, *comunicando* a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constrangendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens. É a língua como instrumento da descrição e do raciocínio. [...] Ora, a expressão semântica por excelência é a frase. [...] Não se trata mais, desta vez, do significado do signo, mas do que se pode chamar o intencionado, do que o locutor quer dizer, da atualização linguística de seu pensamento. (BENVENISTE, 2006a, p. 229, grifo meu).

Se a “língua em emprego” nos aproxima da definição de *designar* na discussão anterior, algo que nos coloca definitivamente em outro plano é a ideia de que “a expressão semântica por excelência é a frase”. A designação refere-se apenas a uma parcela disso, ao emprego da palavra; a comunicação diz respeito ao sentido global da frase enquanto unidade do discurso.

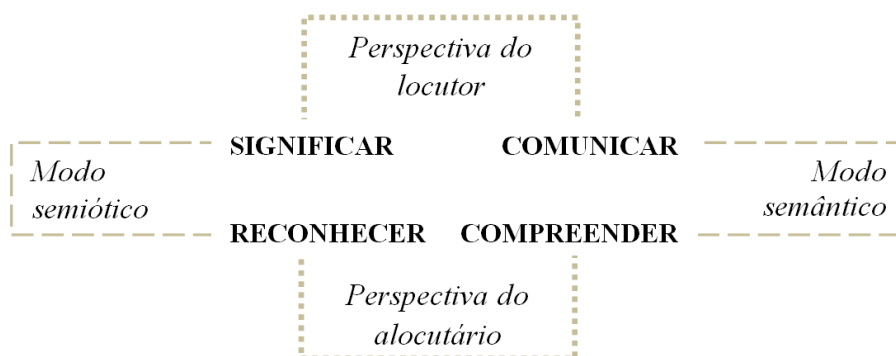
O sentido de uma frase é sua ideia, o sentido de uma palavra é seu emprego (sempre na acepção semântica). A partir da ideia, a cada vez particular, o locutor agencia palavras que neste emprego têm um “sentido” particular. Além disso, é necessário introduzir aqui um termo a que foi desnecessário apelar na análise semiótica: aquele do “referente”, independente do sentido, e que é o objeto particular a que a palavra corresponde no caso concreto da circunstância ou do uso. [...] Se o “sentido” da frase é a ideia que ela exprime, a “referência” da frase é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou de fato a que ela se reporta e que nós não podemos jamais prever ou fixar. [...] A frase é então cada vez um acontecimento diferente; ela não existe senão no instante em que é proferida e se apaga neste instante; é um acontecimento que desaparece. (BENVENISTE, 2006a, p. 231).

Retornando à oposição *significar/comunicar*, destaco, de um lado, o critério da distintividade do signo como o elemento definidor do sentido no semiótico e, de outro, “o intencionado”, aquilo que “o locutor quer dizer”, ou ainda a ideia da frase, como o elemento definidor do sentido no semântico.

Essa distinção (semiótico/semântico) também será detidamente trabalhada por Benveniste em *Semiologia da língua*, de 1969. Nesse texto, encontramos outro par de verbos, *reconhecer* e *compreender*, associados aos dois modos de significância da língua.

O semiótico (o signo) deve ser RECONHECIDO; o semântico (o discurso) deve ser COMPREENDIDO. A diferença entre reconhecer e compreender envia a duas faculdades distintas do espírito: a de perceber a identidade entre o anterior e o atual, de uma parte, e a de perceber a significação de uma enunciação nova, de outra. (BENVENISTE, 2006c, p. 66, destaques do autor).

É possível pensar esses dois pares de verbos como ligados a pontos de vista distintos. Benveniste fala da capacidade de discriminar se uma unidade é ou não significativa sendo desempenhada por “aqueles que manuseiam a língua”; a comunicação diz respeito ao que “o locutor quer dizer”. Com isso, penso que o par *significar-comunicar* pode ser pensado do ponto de vista do locutor.⁶ Por sua vez, “perceber a identidade entre o anterior e o atual” (*reconhecer*) e “perceber a significação de uma enunciação nova” (*compreender*) são faculdades que podem ser associadas ao alocutário. Por meio de um diagrama (Figura 1), podemos estabelecer um conjunto de relações entre esses verbos a partir das definições trabalhadas acima.

Figura 1 – Relações entre os verbos *significar*, *comunicar*, *reconhecer* e *compreender*

Fonte: elaborado a partir de Benveniste (2006a, 2006c).

Desse diagrama, podemos tirar uma nova relação para pensarmos o significado de *significar* trabalhado nesta segunda seção: sua ligação com *reconhecer*, como processos próprios ao modo semiótico da língua. Nas *Últimas aulas* de Benveniste, aula 15, em parte do texto estabelecido a partir de anotações dos estudantes,⁷ encontramos uma interessante formulação sobre a faculdade de *reconhecer*:

A língua é o único sistema semiológico que significa de duas maneiras diferentes:

- 1) Enquanto conjunto de signos. Todas as unidades são, então, signos também. Elas são suscetíveis de serem reconhecidas por todos aqueles que têm a língua em comum. Essas unidades são transpostas enquanto se prestam a um reconhecimento pela escrita. Essa operação de reconhecimento das unidades se efetua fora de qualquer emprego. Assim, em francês, *vin* [vinho], *vingt* [vinte], *vint* [veio], *vain* [vão], *vainc* [vence]... são as grafias de uma mesma fonia /vẽ/. (BENVENISTE, 2012, p. 182, texto estabelecido a partir de anotações de estudantes, sublinhados meus).

O item 2, que não trarei como citação aqui, seria o modo semântico. Mas o que gostaria de destacar é que, logo após o trecho citado acima, antes de passar ao modo semântico, os editores do livro dispuseram uma anotação do próprio Benveniste: “A escrita distingue os *signos* da língua que o falar confunde, mostrando quais são seus discriminadores” (BENVENISTE, 2012, p. 182, grifo do autor).

/vẽ/, /vẽ/, /vẽ/, /vẽ/ e /vẽ/: a diferença de grafia (*vin*, *vingt*, *vint*, *vain* e *vainc*) fez com que essas unidades se tornassem, mesmo fora de emprego, *reconhecíveis*, *distinguíveis* pelos usuários da língua francesa. Temos aí, portanto, um reforço da ideia de que “Ser distintivo e ser significativo é a mesma coisa” (BENVENISTE, 2006a, p. 228). A escrita trouxe para a língua novos recursos (visuais) de distintividade,

possibilitando um aumento de sua capacidade de significância nesse primeiro modo, o semiótico.

Para encerrar esta segunda reflexão, gostaria de consolidar, de modo sintético, as definições trabalhadas nesta seção: significar é *ser distintivo*. Ser distintivo é ser uma unidade *reconhecível* pelos usuários da língua.

3. “ELA NÃO DIZ NEM OCULTA, MAS ELA SIGNIFICA”

Nesta última seção, proponho uma reflexão a partir da frase acima, com a qual Benveniste encerra sua apresentação do texto *A forma e o sentido na linguagem*. Como dito anteriormente, esse é o primeiro texto em que Benveniste formula a diferença entre os modos semiótico e semântico da língua. Sua apresentação se deu no XIII Congresso das Sociedades de Filosofia de língua francesa, em Genebra, em 1966. Antes dessa citação (que em breve contextualizarei), Benveniste conclui seu raciocínio com a seguinte frase: “Mas no fundo de tudo está o poder significante da língua, que é anterior ao dizer qualquer coisa” (BENVENISTE, 2006a, p. 234). Curiosamente, é uma inversão da fórmula com que concluiu sua apresentação, em 1964, no 9º Congresso Internacional de Linguistas: “*nihil est in lingua quod non prius fuerit in oratione*” (BENVENISTE, 2005d, p. 140, grifos do autor). “Não há nada na língua que não tenha estado antes no discurso”. Para um público de linguistas, Benveniste reivindica uma “anterioridade” do discurso sobre a língua. Para um público de filósofos, uma “anterioridade” da língua sobre o discurso.

Nesse encerramento de *A forma e o sentido na linguagem*, o que fica em evidência, aquilo que Benveniste destaca como o “poder significante da língua”, é a existência de seus dois modos de significação. Em *Semiologia da língua*, Benveniste (2006c) afirma que, enquanto os demais sistemas semiológicos têm apenas um ou outro desses modos, o “privilegio da língua é de comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação” (p. 66).

Passemos, então, à citação que dá título a esta seção. Trata-se de uma frase de Heráclito, traduzida por Benveniste:

No final desta reflexão somos reconduzidos a nosso ponto de partida, à noção de significação. E eis que se reanima em nossa memória a fala límpida e misteriosa de Heráclito, que conferia ao Senhor do oráculo de Delfos o

atributo que nós colocamos no âmago mais profundo da linguagem: *Oute légei, oute kryptei, alla semaínei*. “Ela não diz nem oculta, mas ela significa”. (BENVENISTE, 2006a, p. 234, grifos do autor).⁸

Para “semaínei”, Benveniste optou por “signifie” [significa]. Em outras traduções, encontramos as opções “gives a sign” [dá um sinal], “donne des signes” [dá sinais].⁹ Charles H. Kahn, que traduziu os fragmentos de Heráclito para o inglês, comenta sobre esse trecho: “Não há dúvida de que Heráclito está se referindo à prática delfica de dar conselhos de forma indireta, por imagens, enigma e ambiguidade, de modo que era óbvio para alguém de bom senso que *um oráculo exigia uma interpretação*.” (KAHN, 1979, p. 123, grifo do autor, tradução minha). E Marcel Conche, tradutor para o francês, afirma:

Assim como o deus não fala de maneira clara para todos, mas “dá sinais”, que devem ser interpretados, também a fala de Heráclito sugere, indica, mostra o caminho, mas não entrega a verdade mesmo, totalmente revelada. [...] Segundo Nietzsche, a sabedoria de Heráclito deseja que suas fórmulas sejam interpretadas “apenas como oráculos”, sendo o próprio Heráclito como o deus de Delfos, que “não revela nem esconde”. (CONCHE, 1998 *apud* HERACLITE, 1998, p. 150-151, tradução minha).

Ou seja, o oráculo não diz explicitamente. Faz a revelação, mas de forma indireta. Produz imagens, indica caminhos. Ou – associando a tradução de Benveniste às de Kahn e Conche – *oferece signos*.

Entendo que o que Benveniste traz à cena com essa citação é a reflexão sobre a capacidade humana de simbolização, tema por ele abordado em *Comunicação animal e linguagem humana*, de 1952. Ao comparar a “linguagem” das abelhas com a humana, Benveniste oferta-nos duas caracterizações da faculdade simbólica do homem. Primeiro, descreve o que seria uma “simbolização” elementar – aquela que as abelhas também conseguem realizar: “Até aqui encontramos, nas abelhas, as próprias condições sem as quais nenhuma linguagem é possível – a capacidade de formular e de interpretar um ‘signo’ que remete a uma certa ‘realidade’, a memória da experiência e a aptidão para decompô-la” (BENVENISTE, 2005a, p. 64). Em seguida, distingue a faculdade simbólica das abelhas da humana, de modo que apenas esta última constitui propriamente uma linguagem, muito mais complexa, capaz de produzir realidades: “Ora, o caráter da linguagem é o de propiciar um substituto da experiência que seja adequado para ser transmitido sem fim no tempo e no espaço, o que é típico do nosso simbolismo e o fundamento da tradição linguística” (BENVENISTE, 2005a, p. 65).

Apresentada a complexidade (infinitamente maior) da faculdade humana, Benveniste traça uma distinção terminológica fundamental: o recurso pelo qual as abelhas se comunicam “não é uma linguagem, é um código de sinais”¹⁰ (BENVENISTE, 2005a, p. 67). Com um código, não há criação: os conteúdos comunicados são sempre os mesmos, e a mensagem jamais se fará um “substituto da experiência”. Em resumo, a verdadeira capacidade de *simbolizar* é exclusiva do homem.

Essa conclusão nos remete a outro texto dos *PLG I – Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, de 1963 – em que Benveniste também comenta, embora mais lateralmente, a diferença entre a comunicação das abelhas e a linguagem humana. Seria válido citar aqui toda a segunda seção desse capítulo, mas nos contentemos com dois trechos em que os sentidos de *simbolizar* e *significar* são aproximados:

[...] a linguagem representa a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à condição humana, a faculdade de *simbolizar*.

Entendamos por aí, muito amplamente, a faculdade de *representar* o real por um “signo” e de compreender o “signo” como representante do real, de estabelecer, pois, uma relação de “significação” entre algo e algo diferente. (BENVENISTE, 2005f, p. 27, itálicos do autor, sublinhado meu).

O homem também, enquanto animal, reage a um sinal. Mas utiliza além disso o *símbolo* que é *instituído* pelo homem; é preciso aprender o sentido do símbolo, é preciso ser capaz de interpretá-lo na sua função significativa e não mais, apenas, de percebê-lo como impressão sensorial, pois o símbolo não tem relação natural com o que simboliza. O homem inventa e compreende símbolos; o animal, não. [...] Entre a função sensório-motora e a função representativa, há um limiar que só a humanidade transpôs. (BENVENISTE, 2005f, p. 28-29, itálicos do autor, sublinhados meus).

A faculdade humana de simbolização é uma das dimensões que podemos considerar no contexto em que Benveniste cita Heráclito e afirma que a linguagem *não diz nem oculta, mas significa*. Mas há, ainda, um outro termo empregado por Benveniste que pode ser relacionado a esse sentido de *significar* como atividade de produção simbólica. Nas *Últimas Aulas*, aula 12, em anotação do próprio Benveniste, temos o seguinte parágrafo, precedido pelo título *A língua semiotiza tudo*:

A língua pode – e pode sozinha – dar a um objeto ou a um processo qualquer o poder de *representar*. Para que um objeto seja “sagrado”, para que um ato se torne um “rito”, é preciso que a língua enuncie um “mito”, dê a razão de sua qualidade, torne “significantes” os gestos e as palavras. Todo comportamento social, toda relação humana, toda relação econômica supõe “valores” enunciados e ordenados pela, as funções de produção e as de geração língua. As funções inter-humanas mais elementares, as que mantêm a existência dos indivíduos, são funções, antes de tudo, significantes, elas se

apoiam sobre relações de parentesco que consistem em sua denominação. (BENVENISTE, 2012, p. 157, itálico do autor, sublinhados meus).

Semiotizar é “dar a um objeto ou a um processo qualquer o poder de *representar*” (BENVENISTE, 2012, p. 157, grifo do autor). Temos aí outro tipo de produção simbólica – ou, melhor, temos aí a mesma faculdade humana, compreendida de outra perspectiva a partir do verbo *semiotizar*. Por esse termo, Benveniste mostra-nos a língua como capaz de produzir signos para outros sistemas semiológicos, emprestando sua semiose (sua capacidade de distintividade) a elementos de outros sistemas. Por exemplo, a organização do espaço urbano: podemos nos referir ao lugar onde estamos, um “mesmo” lugar, dizendo: “estou na rua Belém”, “estou no bairro Saudade”, “estou na cidade de Belo Horizonte”. A infinidade das escolhas feitas pelas sociedades para nomear (e, assim, fundar) lugares é devedora da capacidade inesgotável da língua de produzir itens lexicais. Ou a dança: teria sido possível a cristalização formal, e a transmissão por gerações e gerações, de movimentos corporais tão específicos como os do balé clássico sem nomeá-los? Com a língua demarcou-se a fronteira entre uma flexão de pernas qualquer e um *plié*.

A noção de semiotização nos reaproxima da ideia, apresentada na primeira reflexão, de um “semantismo social” possibilitado pela língua, a qual se constitui como um sistema de designações da organização social. Aqui, porém, penso que Benveniste radicaliza um pouco mais em relação ao papel da língua: pode-se mesmo dizer que ela *institui* essa organização social.

“Poder significante da língua”. “A língua semiotiza tudo”. Com essas ideias encerro esta terceira reflexão, voltada a um significado de *significar* correspondente à faculdade de produção simbólica própria ao homem. De um lado, *significar* pode equivaler a *simbolizar*, produzir uma representação, estabelecer uma relação “entre algo e algo diferente” (BENVENISTE, 2005f, p. 27). De outro, está relacionado à capacidade da língua de *semiotizar*, ou seja, de *tornar significantes* objetos, processos, gestos... Em resumo, de produzir signos, inclusive para outros sistemas semiológicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo analisar empregos na obra de Benveniste do verbo *significar* (e de termos dele derivados), buscando desvelar algumas das camadas de sentido que ajudam a compor sua espessura semântica. A proposta foi a de realizar uma leitura benvenistiana de textos do linguista: cotejando diferentes empregos, mobilizando contrastes e oposições para constituir daí o sentido.

Assim, foi possível consolidar conceitos que me parecem bastante próprios aos três significados desse verbo que motivaram minhas reflexões. Primeiro, *significar* pode ser entendido como o processo típico do *modo semiótico* da língua, em suas duas dimensões – uma interna ao signo (a relação entre a forma e o sentido) e outra externa (aquilo que distingue cada signo dos demais). E este é um segundo ponto a ser enfatizado: ser distintivo é ser significativo. A *distintividade*, associada à natureza articulada da língua, é o que lhe confere seu “poder significante”, o que garante que ela seja o único dentre os sistemas semiológicos com o privilégio de ter dois modos de significação. Relaciono também com a distintividade outra propriedade da língua que participa de seu “poder significante”: sua capacidade de *semiotização*, a possibilidade de conceder a um objeto ou processo o “poder de representar”, de se tornar um signo – isto é, de ser distintivo no interior de seu próprio sistema, tomando emprestada da língua sua semiose, sua distintividade.

Referências

BARBOZA, Gabriela. *Entre designar e significar, o que há?* Em busca de uma semântica em Benveniste. 2018. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/193325/001089136.pdf?sequence=1>. Acesso em: 29 jan. 2022.

BRASIL. *Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015*. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Brasília: Secretaria-Geral da Presidência da República, 2015. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm. Acesso em: 29 jan. 2022.

BENVENISTE, Émile. La forme et le sens dans le langage. *In*: BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale II*. Paris: Gallimard, 1974. cap. 15, p. 215-238.

BENVENISTE, Émile. Comunicação animal e linguagem humana. *In*: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 2005a. cap. 5, p. 60-67.

BENVENISTE, Émile. Natureza do signo linguístico. *In*: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 2005b. cap. 4, p. 53-59.

BENVENISTE, Émile. Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana. *In*: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes Editores, 2005c. p. 81-94.

BENVENISTE, Émile. Os níveis da análise linguística. *In*: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes Editores, 2005d. cap. 10, p. 127-140.

BENVENISTE, Émile. Problemas semânticos da reconstrução. *In*: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 2005e. cap. 24, p. 319-339.

BENVENISTE, Émile. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. *In*: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 2005f. cap. 2, p. 19-33.

BENVENISTE, Émile. A forma e o sentido na linguagem. *In*: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Trad. Eduardo Guimarães *et al.* Campinas: Pontes, 2006a. cap. 15, p. 220-242.

BENVENISTE, Émile. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. *In*: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Trad. Eduardo Guimarães *et al.* Campinas: Pontes, 2006b. cap. 6, p. 93-104.

BENVENISTE, Émile. Semiologia da língua. *In*: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Trad. Eduardo Guimarães *et al.* Campinas: Pontes, 2006c. cap. 3, p. 43-67.

BENVENISTE, Émile. A língua e a escrita. In: BENVENISTE, Émile. *Últimas aulas no Collège de France*. Trad. Daniel Costa et al. São Paulo: Editora UNESP, 2012. cap. 2, p. 127-182.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

HÉRACLITE. *Fragments*. Texto estabelecido, traduzido e comentado por Marcel Conche. 4. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

KAHN, Charles H. *The art and thought of Heraclitus*. An edition of the fragments with translation and commentary. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1979.

RÁDIO NOVELO. *Praia dos Ossos*. Rio de Janeiro: Rádio Novelo, 2020. Disponível em: www.radionovelo.com.br/praiadosossos. Acesso em: 29 jan. 2022.

Recebido em: 30/01/2022

Aceito em: 13/03/2022

¹ Esta afirmação é pensada a partir de Flores (2013), que nos convida a considerar a obra de Benveniste como constituindo uma *teoria da linguagem*, da qual os estudos sobre enunciação são uma parte.

² O primeiro volume dos *Problemas de linguística geral*, ou *PLG I*, de 1966, foi organizado pelo próprio Benveniste – à diferença do segundo volume, ou *PLG II*, de 1974, organizado por M. Lejeune e M. Moïnfar, a quem Benveniste pôde dar apenas uma limitada anuência, em virtude das sequelas do acidente vascular cerebral que o acometera em 1969.

³ A Lei Federal 13.104/2015 prevê o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, com aumento de pena. Define o feminicídio como o crime “contra a mulher por razões da condição de sexo feminino” e descreve, como essas razões, a “violência doméstica e familiar” e o “menosprezo ou discriminação à condição de mulher” (BRASIL, 2015).

⁴ Foi intencional a escolha de um exemplo para o qual a “estabilidade da significação” é objeto de disputa, mas reconheço que sua complexidade é merecedora de um estudo específico, que não poderá ser desenvolvido neste texto. Apenas acrescento que um discurso do tipo “Feminicídio não existe” contesta certa *significação*, mas não anula a existência da forma “feminicídio” na língua – apenas busca associá-la a outro sentido, contribuindo para estabelecer outra relação de *significação*. Afinal, como diz Benveniste (2005c), a partir de sua leitura de Freud, “a negação é em primeiro lugar admissão” (p. 91) e a propriedade fundamental da linguagem “consiste em implicar que ‘algo’ corresponde àquilo que se enuncia – algo e não ‘nada’.” (p. 92).

⁵ A série de podcasts *Praia dos Ossos* (RÁDIO NOVELO, 2020), sobre o assassinato de Ângela Diniz em 1976 pelo então namorado Doca Street, traz um excelente exemplo de como as mudanças de designação têm relação com as mudanças sociais.

⁶ De maneira geral, o *significar* do modo semiótico deve ser associado ao signo. No entanto, no contexto desta reflexão, em que esse processo é posto em relação com outros três, defendo aproximá-lo da posição do locutor, por dois motivos: i) para *comunicar*, o locutor recorre às unidades da língua a partir do critério distintivo, a partir do fato de que elas *significam*, de modo que o *significar* do semiótico se faz presente

no ato enunciativo; ii) os processos *reconhecer* e *compreender* são definidos a partir do verbo *perceber*, o que reforça seu estatuto como atividades de *recepção*, portanto ligadas à perspectiva do *alocutário*, favorecendo, por contraste, a associação do par *significar/comunicar* à perspectiva do *locutor*.

⁷ O livro *Últimas Aulas no Collège de France* reconstitui os dois últimos cursos oferecidos por Benveniste na instituição, em 1968 e 1969. O último curso, na verdade, só contou com a primeira aula; pouco depois o linguista sofreu o acidente vascular cerebral que interrompeu sua atuação profissional. O texto da publicação foi constituído a partir de dois tipos de fontes: anotações de estudantes dos cursos e notas de trabalho do próprio Benveniste. Como o livro marca graficamente essa diferença, essa informação acompanha as citações à obra presentes neste artigo.

⁸ Como o trecho envolve uma tradução do grego ao francês realizada pelo próprio Benveniste, cito também o original: “Au terme de cette réflexion, nous sommes ramenés à notre point de départ, à la notion de signification. Et voici que se ranime dans notre mémoire la parole limpide et mystérieuse du vieil Héraclite, qui conférait au Seigneur de l’oracle de Delphes l’attribut que nous mettons au cœur le plus profond du langage : *Oute légei, oute kryptei* « Il ne dit, ni ne cache », *alla semáinei* « mais il signifie ».” (BENVENISTE, 1974, p. 229, grifos do autor).

⁹ Trata-se das traduções para o inglês por Charles H. Kahn (1979) e para o francês por Marcel Conche (1998). Apesar de *dá um sinal* e de *dá sinais* corresponderem melhor, em português, às escolhas de Kahn e Conche, deve-se ter em conta que o termo inglês *sign* e o francês *signe*, empregados pelos dois tradutores de Heráclito, abarcam também o conceito linguístico traduzido como *signo* em português.

¹⁰ É fundamental observar a diferença entre os termos franceses *signal* (pl. *signaux*) e *signe* (pl. *signes*). O termo empregado por Benveniste para referir-se à comunicação das abelhas é *signaux*, que não abarca o conceito linguístico de *signo* – em português corresponderia simplesmente a *sinais* (como os de trânsito, para os quais a relação de significação é fixa). Aqui, portanto, não se aplica a reflexão apresentada na nota anterior, em que um mesmo termo francês (*signe*) abarcava sentidos que em português estariam ligados tanto a *sinal* quanto a *signo*. O que a escolha terminológica de Benveniste (2005a) informa é que as abelhas se comunicam por meio de *sinais*, que são, de longe, muito menos complexos que os *signos* da linguagem humana.